

ADAPTAÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS DE EMPRÉSTIMOS PARA O GUINEENSE

Mamadu Baciro Balde¹
Shirley Freitas Sousa²

RESUMO

O presente estudo propõe-se a investigar alguns processos fonológicos mais frequentes ocorridos na adaptação dos empréstimos do português europeu para o guineense, assim como desvendar as razões que levaram a tais transformações. O estudo visa destacar o fato de que estas adaptações não se deram aleatoriamente, mas sim de forma regular, numa tentativa de apontar as possíveis regras e restrições do guineense que levam a tais adaptações, como é o caso dos processos de aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, monotongação, betacismo, africativização, ensurdecimento, metátese etc. Para a constituição do corpus do trabalho, serviu-se do Dicionário guinensi-português (SCANTAMBURLO, 2002), donde foram retirados aproximadamente duzentos itens lexicais; sendo também elaboradas cinco sentenças, envolvendo tais itens, com o intuito de atestar as suas atuais formas adaptadas no guineense, através de gravação com falantes desta língua.

Palavras-chave: Guineense Português europeu Processos fonológicos Adaptações de empréstimos .

Unilab, Campus dos Malês (BA), Discente, mambass45@hotmail.com¹
Unilab, Campus dos Malês (BA), Docente, shirleyfreitas@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O guineense é uma das línguas crioulas da Alta Guiné, formada a partir do contato entre o português europeu e línguas africanas, e é a língua mais falada na Guiné-Bissau. Tendo o português europeu como a língua lexicadora, ou seja, como aquela que com mais itens lexicais tem contribuído para a sua formação; esta pesquisa teve como foco os empréstimos dela provenientes. Ao se optar pela análise de adaptação dos empréstimos do português, a pesquisa pretende identificar os processos que mais frequentemente ocorrem nestas transformações e assumir que tais adaptações não acontecem de forma aleatória, mas sim de acordo com as restrições próprias do guineense. Com isso, este estudo busca encontrar argumentos de maior consistência para contrapor às ideias preconceituosas preconizadas pelos linguistas tradicionais acerca das línguas de contato. Para referidos linguistas, como apresentado por Pratas (2002), as línguas crioulas são versões estropiadas das suas línguas de superstratos (das línguas lexicadoras) e faladas por povos não civilizados, excluindo-as, assim, da lista de línguas naturais. Dessa forma, considera-se que este trabalho contribui para ampliação da literatura existente sobre línguas de contato de forma geral e, em particular, do guineense, podendo servir de respaldo para futuras pesquisas relacionadas a esta temática.

METODOLOGIA

Para a execução desta obra, foram desenvolvidas as pesquisas qualitativa e quantitativa. Com o intuito de estabelecer um arcabouço teórico sobre as línguas crioulas, permitindo, posteriormente, a discussão e análise de dados que viriam a ser coletados, partiu-se de leituras, fichamento e resenhas das seguintes bibliografias: Bandeira (2013, 2017), Costa (2014), Araujo, Bandeira & Freitas (2014), Freitas & Neiva (2006), Pratas (2002) e da consulta ao dicionário bilíngue guineense/português de Luigi Scantamburlo (2002). Optou-se por trabalhar com dados do guineense antigo, termo usado para se referir a um estágio da língua que compreende o léxico mais antigo e básico, em virtude da maior facilidade para encontrar materiais escritos desse período da língua, e também para conhecer esse estágio de língua dado que muitos dos vocábulos ainda continuam sendo usados no guineense. Foram coletados, do dicionário, aproximadamente, duzentos itens lexicais do português, com as suas respectivas formas adaptadas para o guineense. Em seguida, considerou-se pertinente confirmar estas adaptações por meio de entrevistas com estudantes Bissau-guineenses aqui no Brasil. Foram um total de oito informantes, sendo quatro homens e quatro mulheres, entre egressos e atuais estudantes da Unilab, campus dos Malês, do curso de Letras - Língua Portuguesa. Por conta da pandemia do covid-19, não foi possível coletar os dados de modo presencial, como inicialmente previsto; tendo, então, resolvido fazê-lo à distância, por meio de gravações de áudios via Whats App. Uma vez terminada a recolha dos áudios de gravação de palavras e de sentenças enviados pelos informantes, deu-se início ao processo de transcrição fonética dos dados e posterior análise. Importa frisar que Bandeira (2013), Costa (2014), Parkvall (2012) e Viaro (2011) constituíram-se instrumentos muito importantes para a análise dos dados, assim como para o conhecimento dos processos fonológicos, que serão apresentados na seção seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para efeito de análise, a nossa pesquisa conseguiu identificar alguns processos fonético-fonológicos recorrentes na adaptação de empréstimos do português europeu para o guineense, tais como: aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, monotongação, betacismo, africativização, alçamento, ensurdecimento e



metátese. É preciso sublinhar que estes não constituem os únicos processos existentes no âmbito da nativização de empréstimos de português para guineense, ou seja, é bem provável que, com uma pesquisa mais aprofundada, se identifiquem mais processos. Além disso, nos exemplos dos processos, as palavras do português estarão em *itálico* e as guineense em **negrito**; e entre colchetes, tem-se a transcrição fonética.

Aférese

Em relação ao processo de aférese, constatou-se que ele ocorre com frequência nos empréstimos, cujas primeiras sílabas estão formadas por *es*, *en*, *em*, *in*, *im* ou *a*, nas quais apagam-se os primeiros segmentos e, em caso de a sílaba inicial ser formada apenas por núcleo, este é apagado. Seguem-se alguns exemplos: *escola* > **skola** ['skola]; *entregar* > **n'trega** ['ntrega]; *empate* > **m'pati** ['mpati]; *intrujar* > **n'turdja** ['nturdza]; *agulha* > **gudja** ['gudza].

A partir de exemplos acima, conclui-se que, geralmente, o apagamento ocorre com a vogal média [e], tendo na posição de coda o segmento fricativo alveolar surdo [s] da sílaba inicial. O mesmo acontece com as palavras em cujas primeiras sílabas tem-se a vogal média [e] ou a alta [i] como núcleos e a consoante nasal bilabial [m] ou a nasal alveolar [n] no lugar de coda. Além disso, viu-se que este processo se produz recorrentemente com as palavras com sílaba inicial formada apenas por vogal central aberta [a].

Contudo, vale destacar que foram observadas algumas exceções nas adaptações de palavras do tipo, nas quais, ao invés de apagamento do primeiro segmento silábico, ambos foram apagados, a exemplo de palavras *esperar* > **pera** ['pera] e *ensinar* > **sina** ['sina].

Apócope

Constatou-se que o [r] dos infinitivos verbais do português europeu sofre apagamento no guineense, podendo-se afirmar que a queda do [r] em itens verbais constitui-se uma restrição no guineense, por exemplo: *comer* > **kume** ['kume]; *curtir* > **kurti** ['kurti]; *morrer* > **muri** ['muri].

Deve-se notar que o apagamento do [r] na coda final ocorre apenas nos infinitivos verbais, sendo que ele se mantém nas palavras nominais, como se pode ver nos exemplos a seguir: *mulher* > **mindjer** [miŋ'dʒer]; *colher* (subst.) > **kudjer** [ku'dʒer].

Betacismo

Betacismo é um dos processos recorrentes identificados na pesquisa, sendo o caso de seguintes palavras: *palavra* > **palabra** [pa'labra]; *valor* > **balur** [ba'lur]; *vento* > **bentu** ['bentu].

É possível supor que o betacismo ocorreu pelo fato de o guineense inicialmente não possuir a consoante fricativa labiodental sonora, [v], em seu inventário. Costa (2014, p.111) reforça tal suposição ao afirmar que



“[...] no que concerne ao crioulo tradicional, os fonemas /z, v, ʃ, ʒ, ð/ estão excluídos do seu inventário fonológico.” Ainda sobre o segmento labiodental sonoro [v], Costa (2014) afirma que a sua ausência caracteriza alguns crioulos atlânticos e até nos crioulos em que a sua presença já é efetiva, ele aparece substituído por [b] em alguns itens antigos.

Ensurdecimento

O processo de ensurdecimento ocorre com alguns empréstimos do português para o guineense, é o caso dos exemplos a seguir: *casa* > **kasa** ['kasa]; *mesa* > **mesa** ['mesa].

Importa, no entanto, notar que o segmento fricativo alveolar sonoro [z], a par de [v, ʃ, ʒ, ð], já vai fazendo parte do inventário fonético do guineense, conforme os exemplos que se seguem: *cozinhar* > **kuzinha** [ku'ziɲa], *rapazinho* > **rapazinho** [[rapa'ziɲu], *mesa* > **meza** ['meza], *razão* > **rozon** [ro'zon]. É possível encontrar, assim, variação entre a consoante surda [s] e a sonora [z], como nas palavras que significam rapazinho e mesa.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o guineense, como as demais línguas naturais, apresenta características linguísticas próprias. Uma das provas disso foram as aplicações das restrições na adaptação de empréstimos provenientes da sua língua lexicadora, o português europeu, sendo algumas delas tão produtivas que permitem efetuar generalizações. Destaque-se, neste caso, o processo de apagamento da coda final dos itens verbais. Observou-se, entretanto, que tal não é o caso das palavras nominais terminadas [r]. Além disso, pôde-se constatar a existência de relações alofônicas entre consoantes na adaptação de certos empréstimos. Por exemplo, as fricativas alveolares vozeada e a desvozeada [z] e [s] são alofones. Esse fato pode ser explicado pela entrada para o sistema fonológico do guineense de segmentos como: /v, z, ʃ, ʒ, ð/, que, segundo Costa (2014), se encontravam excluídos do inventário da fonologia do crioulo guineense mais antigo; mas que agora fazem parte da língua. Dessa forma, não é raro perceber variantes fonéticas entre palavras por parte dos falantes do guineense. Na análise de dados dessa pesquisa, foram encontrados processos mencionados por Viaro (2011) e Bandeira (2014), porém, de forma característica da língua.

AGRADECIMENTOS

Ao PIBIC/UNILAB por me ter concedido a bolsa e a oportunidade de ter a experiência com a iniciação científica, o que tem contribuído, de certo modo, para algum progresso no meu percurso acadêmico. De igual modo, agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Shirley Freitas a generosidade, a paciência e a contribuição valiosa prestada durante o desenvolvimento da pesquisa, começando pela elaboração do projeto até a apresentação dos resultados finais.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuele. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno. 2013. 245f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BANDEIRA, Manuele. Reconstrução Fonológica e Lexical do Protocrioulo do Golfo da Guiné. 2016. 440f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

COSTA, Paula Mendes. Descrição fonológica do crioulo guineense. 2014. 242f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FREITAS, Shirley; BANDEIRA, Manuele; ARAUJO, Gabriel Antunes. A adaptação de palavras do português para o papiamentu. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.16, n.2, p.433-455, jul./dez. 2014.

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 4, n. 7, agosto de 2006.

PARKVALL, Mikael. Da África para o Atlântico. Tradução Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PRATAS, Fernanda. O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago). 2002. 136f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. Dicionário do guineense, volume II – Dicionário guineense-português. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI, 2002.

VIARO, Mário Eduardo. Etimologia. São Paulo: Contexto, 2011.

